

## Comentário sobre

### “Perseu e Medusa: o mito revisitado na clínica”, de Regina Lúcia Braga Mota

Virgínia Leone Bicudo

O olhar de Medusa e o escudo de Perseu: uma dupla castradora no vértice da psicanálise

Apreciei o trabalho de Regina Lúcia Braga Mota, do qual destaco a técnica psicanalítica no sentido de comunicar-se com a paciente sob o objetivo de desenvolver o conhecimento referente à realidade psíquica da paciente. Trata-se, portanto de um trabalho com a paciente, destituído de “falação”, no intuito de convencer a paciente, quanto a teorias psicanalíticas.

Focalizo os mitos de Medusa e de Perseu em termos de castração da mente e de vidas. Referindo-me ainda sob ponto de vista técnico, consideramos não adequadas, e comumente dirigidas aos pacientes, diálogo em termos da palavra “análise”, como por exemplo encontradas no diálogo da analista com a paciente: “você não quer demonstrar que está ligada a análise”, “a única saída para não morrer é fazer análise”, “você teme a *análise*”, “não quer *análise*”. Estamos, porém, conscientes de que a resistência transferencial ao vínculo analítico é diminuída segundo a redução das angústias persecutórias e depressivas, ao mesmo tempo fazendo-se espaço ao conhecimento do inconsciente.

Passo a focalizar a paciente através de sua história “psicanalítica”. Alice apresenta-se com diagnóstico de “doença de pânico” com sintomas taquicardíacos, tontura, insônia, os quais relacionamos com olhar petrificante e ameaçador de morte psíquica, de perda de equilíbrio mental, da insônia vigilante.

Alice e o irmão eram acordados pelo pai para bater à porta do quarto da mãe para ele entrar para dormir. Alice tudo fazia para *ver* a mãe feliz, ao mesmo tempo escondendo de si e da analista a morte da

mãe (por ela inconscientemente morta). Alimenta paixões inviáveis por um padre, assim garantida de não trair seus pais. Na expressão popular, ela apresenta-se incapaz de matar uma mosca.

Como mãe, protegia-se de (olhar) cuidar dos filhos entregando os bebês à babá e ao pai. Aos 3 anos é atropelada, arremessada do colo da babá pelo vidro dianteiro, quase uma catástrofe. Mais tarde, deixando de *ver* “observando”, faz um incêndio. A paciente relata um sonho apaziguador, referente ao *olhar* dirigido à mãe – “como a Sra. está bem: esse ano enterrada lhe fez bem”. O irmão diz que a mãe tinha um problema: ela não podia *olhar* numa direção que o *olho* começava a desmanchar-se. Ela estava deitada e tentava virar a cabeça da mãe para frente, (proteção de olhar e de ser olhada, petrificada e petrificante). Ao sonho, associa que devido ao medo de enterrar a mãe viva, fez um velório de 26 horas assim certificando-se que a mãe estava morta e petrificada, e o *olho* desmanchando-se, e, portanto, incapaz de petrificação”.

Enquanto sonho se refere à limitação em direcionar o *olhar*, durante a análise, a paciente não podia *olhar* em direção direta para a analista, assim cuidando em não petrificá-la, não desmanchar o *olho*, não morrer. E para não morrer, a única saída foi sentar-se no divã de costas, isto é, sem a possibilidade do *olhar* petrificante.

O medo de colocar os dois pés sobre o divã corresponderia ao medo de soltar-se e sonhar com a mãe morta. Deitada aqui, diz a paciente, parece que vou fazer cirurgia. Essa associação sugere a ocorrência de um parto, o seu renascimento em sua experiência analítica. E a paciente associa – “coisa tola esse negócio de divã”. Entendo que a paciente está minimizando a angústia da “cirurgia de parto, desdenhando a ameaça de morte, imaginando-se nascer novamente. Relata um sonho “bobo”, no sentir dela: “vê a decolagem de aviões frequentemente e sonhou que estava *olhando* um avião, daqui de baixo, *via* que o piloto colocava a cabeça para fora e *olhava* para baixo como se fosse *olhar* a rota... como podia ele *olhar* para fora e ver o tráfego com toda essa ventania!”

O bebê nasce, via de regra de cabeça e *olha* de baixo para cima e fora para o seu trajeto, enquanto a mãe *olha* de cima para baixo, e em meio da ventania o bebê respira angustiado. Hoje crescida, no divã, ela poderá vir a *olhar* a trajetória de sua vida sem medo da ventania e da

“cirurgia” mental, como a que está acontecendo agora, quando se deita no divã. A analista interpreta como sendo o piloto que vê sua realidade, não se intimidando com a turbulência da paciente

Alice revive transferencialmente a angústia de sua experiência de renascimento, colocando sob seu controle o *olhar* petrificante, o próprio *olhar* e o da analista. Na disposição do *setting* (uso do divã), o paciente e o analista se posicionam de modo a não se olharem frontalmente, assim protegidos do uso do *olhar* com fins destrutivos por meio de identificações projetivas invasivas.

A paciente teme o olhar em dois sentidos, isto é, o olho se punitivamente destruído, e o olho sem pedido de uso para conhecimento. Minha interpretação, afirma Regina, refere-se a um momento específico, quando a paciente decide deitar-se. É quando sonho da paciente nos transporta para o domínio do mito relativo ao olhar como fonte de conhecimento. Em cumplicidade com o destino, o avô é assassinado pelo neto, o padrasto tem seus olhos petrificado pelo enteado (neto-enteado, em um personagem). De acordo com a narrativa do mito, Medusa é decapitada por Perseu e seu olhar utilizado para petrificar Polidectes e matar o avô Acrísio.

A desobediência violentamente punida encontra-se no temário de todos os mitos, tais como Éden, Torre de Babel, Medusa, e o parece refere-se a atuação de fantasias onipotentes derivadas de narcisismo, inveja, voracidade, culpa, sob princípio prazer-dor.

Adão e Eva são expulsos do paraíso por comerem do fruto proibido da árvore da sabedoria; perde-se a linguagem comum na tentativa de construção da Torre de Babel; Édipo fura seus olhos, os quais em não vendo, não percebem o parricídio e nem seu casamento incestuoso. Medusa é uma das mulheres narcisistas e castigadas, de belas passando à fealdade.

O mito organiza-se em narrativa de fantasias onipotentes originadas em Eros e Tanatos as quais dinamizam imagens violentas.

O *setting* psicanalítico cuida de proteger a ambos (ao paciente e ao analista) da transferência de imagens atuantes e petrificantes da função psíquica. Alice teme ser petrificada ou petrificante, e, na extensão em

que esse medo diminui, os olhos de percepção interna (do paciente e do analista) podem ser usados para *insight*.

Os mitos se constituem em imagens compostas por narrativas das experiências de preconceção no contato com a realidade externa. Não ver é não ser responsável por desastres catastróficos. No sonho não há palavra falada e nem ouvida, a palavra é vista. O olho interno, construído de experiências de identificações projetivas reintrojadas, é reativado na relação com analista-mãe.

Finalizo meus comentários ao trabalho de Regina com resumo do meu artigo “Mito, instinto de morte e regressão no processo analítico” publicado em 1968 na *Revista Psicoanálisis*, Buenos Aires.

A experiência adquirida no trabalho clínico me chamou a atenção para um fator particular de resistência sempre presente na relação paciente-analista. Refiro-me ao mito como elemento constante em todas as análises, nem sempre reconhecido em seu aspecto de relação com a violência, com a catástrofe, com instinto de morte. O mito como parte do aparelho de pensar é tanto um instrumento de investigação, quanto de resistência ao progresso na aquisição de novos conhecimentos.

Virgínia Leone Bicudo  
(1910-2003)